

Conhecer para Incluir a Pessoa com Deficiência

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
1ª EDIÇÃO

EDITORA MAIS DIFERENÇAS
2020

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CIP

S239c

São Paulo (Cidade). Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência - SMPED. Conhecer para Incluir a Pessoa com Deficiência. São Paulo: SMPED; Editora Mais Diferenças, 2020.

45 p. : il.

ISBN: 978-65-86397-03-1

1. Pessoa com Deficiência. 2. Acessibilidade. I. Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência. II. Editora Mais Diferenças. III. Título.

CDD 362.4

CONHECER PARA INCLUIR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPED)

SECRETÁRIO Cid Torquato

SECRETÁRIA ADJUNTA Marinalva Cruz

CHEFE DE CABINETE Roseli Morilla Baptista dos Santos

COORDENAÇÃO Alessandro Freitas • Ciça Cordeiro • Débora Goldzveig • Mel Godoy • Patrícia Galdi Durante • Renata Belluzzo Borba

PRODUÇÃO E EXECUÇÃO BRDN

COORDENAÇÃO Ana Rosa Bordin Rabello • Carla Mauch

TEXTO Flávia Cintra

REVISÃO DE CONTEÚDO Carla Mauch

REVISÃO DE TEXTO Sílvia Galesso

PROJETO GRÁFICO Tiago Marchesano • Iansã Negrão

DIAGRAMAÇÃO Iansã Negrão • Morgana Miranda

ILUSTRAÇÃO Adriana Komura

Sumário

- 7 Apresentação**
- 9 Introdução**
- 11 Conceitos fundamentais**
- 15 Quem, quantos, quais?**
- 17 Conhecendo a pessoa com deficiência**
- 21 Termos, siglas e conotações**
- 25 A escolha das palavras**

Apresentação



A Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPED), da Prefeitura de São Paulo, cuja missão é promover o protagonismo da pessoa com deficiência e sua efetiva participação na sociedade, criou uma série de publicações como esta, para que esse objetivo seja cumprido, não só pela iniciativa pública, mas pela iniciativa privada e sociedade civil.

Segundo a LBI – Lei Brasileira de Inclusão, pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual em interação com uma ou mais barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Conhecer para Incluir tem como objetivo levar a todos o conhecimento sobre o tema “pessoa com deficiência”, promovendo sua inclusão na sociedade e mostrando que barreiras precisam ser eliminadas, sejam elas arquitetônicas, digitais, comunicacionais e atitudinais, sem preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminações.

As barreiras atitudinais não são visíveis como as barreiras físicas, na maioria das vezes, são inconscientes, e de difícil reconhecimento por parte de quem as pratica.

A Prefeitura da Cidade de São Paulo tem feito várias ações que elevam a acessibilidade e os direitos das pessoas com deficiência a outro patamar de importância estratégica, estabelecendo padrões necessários para o convívio inclusivo de todos os seus munícipes.

Acreditamos que esta e outras publicações que têm o mesmo intuito, irão cumprir um importante papel social de transformação!

CID TORQUATO

SECRETÁRIO MUNICIPAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA DE SÃO PAULO

Introdução

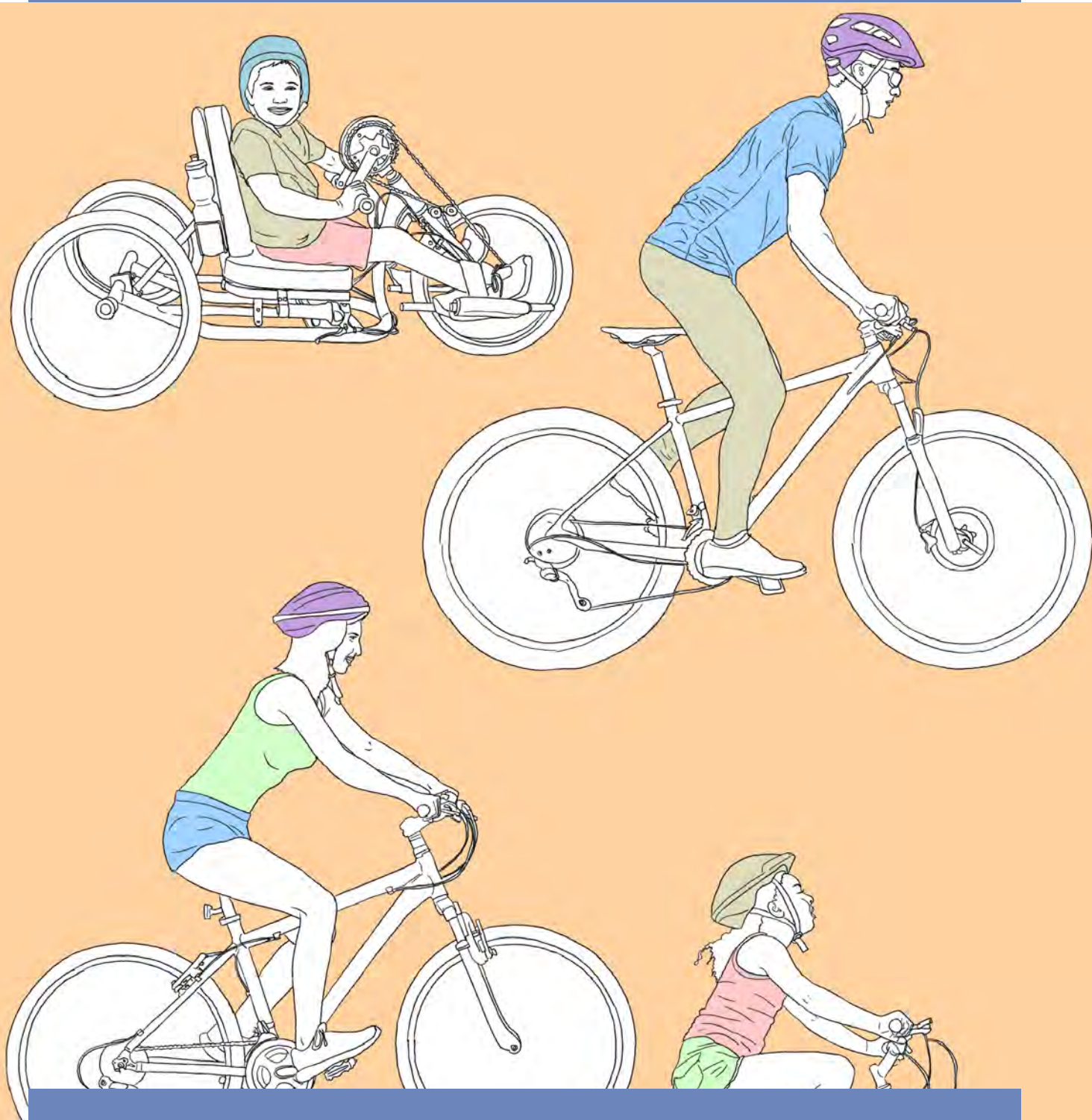


A luta pelos direitos das pessoas com deficiência, no Brasil e no mundo, avançou muito nos últimos anos. Embora as pessoas com deficiência ainda enfrentem barreiras arquitetônicas, sociais, econômicas e culturais, o debate sobre acessibilidade e inclusão tem ganhado mais espaço e ampliado as conquistas relacionadas à educação, mobilidade, transporte, cultura, comunicação e participação da vida nas cidades.

Desinformação e preconceito ainda são obstáculos a serem superados para a construção de uma sociedade inclusiva. Respeitar a diversidade é o primeiro passo para repensar algumas atitudes e mudar práticas do cotidiano. A interação entre pessoas com e sem deficiência é outro importante passo que nos permite reconhecer as características e diferenças de cada indivíduo e lidar com elas. Por esse motivo, a melhor forma de aprender a se relacionar com as pessoas com deficiência é conviver com elas.

Neste guia, você vai encontrar informações sobre alguns dos direitos das pessoas com deficiência e dicas para iniciar ou manter esse relacionamento no dia a dia.

Conceitos fundamentais



As formas de compreender a deficiência e de identificar as pessoas com deficiência foram mudando ao longo dos anos, conforme avançaram as conquistas dessa parte da população pelo direito de viver em sociedades inclusivas, ou seja, com igualdade de oportunidades.

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) representa um marco nessa luta. A Convenção apresenta uma visão inovadora e concebe a deficiência como resultado da interação entre as pessoas e diversas barreiras, relacionadas a atitudes e ao ambiente, que impedem sua participação em sociedade de maneira plena e efetiva. Não se trata, portanto, de atribuir “limitações” às pessoas com deficiência, mas reconhecer que a sociedade e o meio em que as pessoas vivem podem criar obstáculos à sua inclusão.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006)

No Brasil, a principal legislação sobre o tema é a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015), que utiliza como base o texto da Convenção Internacional e assegura os direitos das pessoas com deficiência à acessibilidade, educação, saúde e trabalho, além do acesso à justiça e à comunicação.

A lei também estabelece que as pessoas com deficiência não sofram nenhum tipo de discriminação que restrinja ou impeça o exercício de seus direitos como qualquer outro cidadão.

“Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito

de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. [...]

Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.” (Lei 13.146/2015)

A deficiência é parte da diversidade humana e é apenas uma das características da pessoa que não interfere em outras, como, por exemplo, o caráter, a orientação sexual ou o talento profissional de cada um. É importante não perder de vista que pessoas com deficiência continuam sendo, antes de tudo, pessoas. Elas estão presentes em todas as culturas e camadas sociais.

O desenvolvimento de cada pessoa dependerá muito mais das condições do ambiente, das oportunidades educacionais, econômicas e influências culturais do que da deficiência que ela tem.

E tem outra coisa. Adquirir uma deficiência no meio da vida não significa mudar para pior. Algumas vezes, a nova limitação traz oportunidades de novas experiências que culminam em uma mudança positiva. Esse é o caso de muitos atletas paralímpicos que conheceram o esporte após se tornarem pessoas com deficiência e hoje são ídolos reconhecidos pelos seus recordes mundiais.

Com a intenção de não discriminar, muita gente parte para o outro extremo e superestima as pessoas com deficiência, carimbando nelas um selo de heroínas por conseguirem realizar atividades comuns.

Outra tentativa de valorizar a pessoa sem perceber o preconceito embutido na abordagem é colocar o rótulo de “super” relacionado ao seu desempenho, afirmando, por exemplo, que “funcionários com deficiência são melhores e mais esforçados do que os sem deficiência, chegam na hora e não faltam” ou “os cegos têm muita sensibilidade”.

Quem, quantos, quais?



De acordo com o Censo 2010, 15.750.969 habitantes do país têm algum tipo de deficiência, representando 8,3% da população brasileira. Na capital, também segundo dados do Censo 2010, 810.080 pessoas declararam possuir algum tipo de deficiência, representando 7% dos paulistanos.

A deficiência visual é a que mais incide sobre a população brasileira, com 6.562.910, sendo que 506.337 eram pessoas cegas (0,3% da população) e 6.056.533 tinham grande dificuldade para enxergar (3,2%).

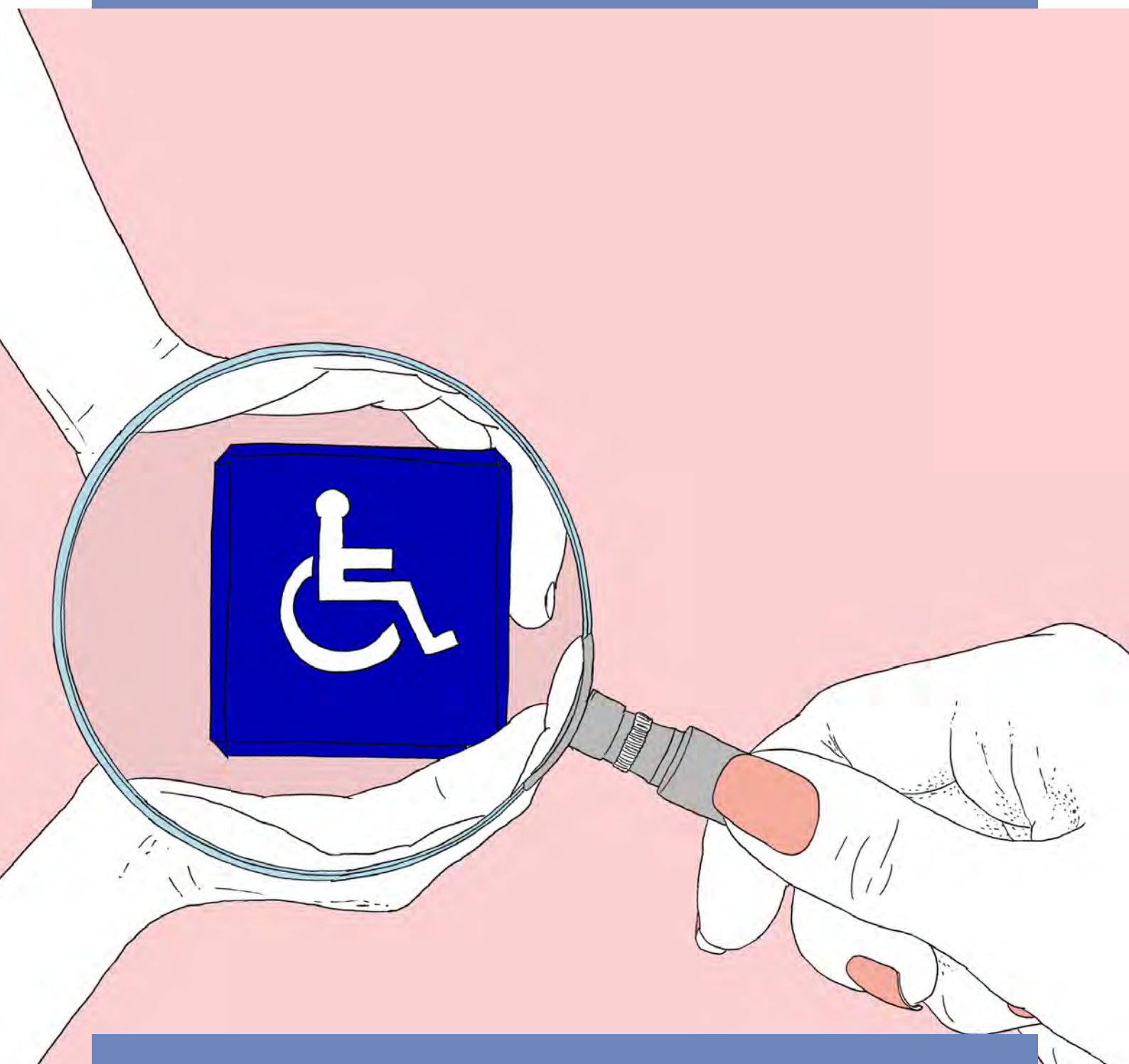
A deficiência física (motora) é o segundo tipo de deficiência que mais atinge os brasileiros, com 4.433.350 pessoas, das quais 734.421 pessoas declararam não conseguir caminhar ou subir escadas de modo algum (0,4%) e 3.698.929 pessoas declararam ter grande dificuldade de locomoção (1,9%).

A deficiência auditiva foi declarada por 2.143.173 pessoas, sendo 344.206 pessoas surdas (0,2%) e 1.798.967 pessoas com grande dificuldade de ouvir (0,9%).

Já a deficiência intelectual foi declarada por 2.611.536 pessoas, representando 1,4% da população brasileira.

Os números apresentados acima adotam as recomendações estabelecidas pelo Grupo de Washington, o que alterou o número anteriormente divulgado pelo Censo Demográfico (IBGE, 2010), que considerava que aproximadamente 45 milhões de brasileiros possuíam algum tipo de deficiência. De acordo com o "Panorama nacional e internacional da produção de indicadores sociais: grupos populacionais específicos e uso do tempo" (IBGE, 2018), que adota as recomendações do Grupo, considera-se somente pessoa com deficiência aquela que declarou, no Censo Demográfico (IBGE, 2010), ter "grande dificuldade" ou "não consegue de modo algum" enxergar (deficiência visual), ouvir (deficiência auditiva) ou se locomover (deficiência motora), além daquelas pessoas que declararam ter deficiência mental/intelectual. Com isso, desconsidera-se como pessoa com deficiência aquelas que declararam possuir "alguma dificuldade" em enxergar, ouvir ou se locomover.

Conhecendo a pessoa com deficiência



Caso seja o seu primeiro contato com alguém que tem um determinado tipo de deficiência, tenha em mente que você não tem culpa por ter sido privado dessa convivência e essa não será a primeira vez que ele precisará responder sobre as próprias limitações. Se entregue às novas experiências e aproveite as oportunidades que só as interações humanas proporcionam.

Selecionamos algumas situações que podem despertar insegurança e incluímos nelas sugestões para facilitar a interação entre pessoas com e sem deficiência.

A leitura vai ajudar, mas a dica de ouro é nunca esquecer que cada indivíduo é único e nada substitui o contato direto. Com respeito e empatia, você pode fazer perguntas. Geralmente as pessoas com deficiência estão acostumadas a solucionar esse tipo de dúvidas, então não tenha receio em esclarecer qualquer questão. Lembre-se sempre: se coloque no lugar de alguém que tem deficiência e imagine como você gostaria de ser retratado.

Então, vamos começar.

Se dirija sempre diretamente às pessoas com deficiência, e não aos seus acompanhantes. Mesmo que a conversa seja com uma pessoa surda, faça a pergunta olhando para ela e depois espere que o intérprete de LIBRAS traduza para a pessoa surda. Certamente seu amigo surdo apreciará sua conduta interessada.

Preste atenção na necessidade da pessoa surda em ter as mãos livres para se comunicar em língua de sinais. Caso ele esteja segurando documentos, bolsa ou qualquer objeto, será gentil da sua parte oferecer um local onde ele possa apoiar seus pertences.

Algumas pessoas costumam subir o tom de voz para falar com uma pessoa surda. Não adianta, ela é surda e não vai ouvir mesmo que seu interlocutor grite. E tem mais: quando as pessoas se esforçam para falar alto, as veias do pescoço ficam saltadas e a musculatura do rosto se contrai de modo semelhante a quem está nervoso ou numa discussão acalorada. Convenhamos que nenhum de nós ficaria à vontade diante de alguém com esta fisionomia. Relaxe e fale normalmente. A dica vale também para se comunicar com pessoas surdas que realizam leitura labial. Fale normalmente, sem exagerar nas pausas, expressões e no volume da voz. Você só vai precisar

de ajuda se usar bigode exagerado, pois nesse caso pode se tornar mais difícil ler seus lábios.

Se gritar com a pessoa surda é algo improdutivo, o que dizer das pessoas que elevam o tom de voz para falar com pessoas cegas? Repare e verá que isso acontece frequentemente. Fale normalmente com a pessoa cega e não se preocupe em evitar palavras como ver, assistir, observar. Existem pessoas que imaginam que essas palavras magoariam as pessoas cegas, mas na verdade elas também usam esse vocabulário.

Caso seja necessário orientar a pessoa cega a sentar em uma cadeira, ofereça sua mão para levar a mão dela até o encosto ou o braço da cadeira. Isso é suficiente. Tem gente que fica tão ansiosa com a insegurança dessa situação que acaba empurrando a pessoa cega na direção da cadeira. Um desastre. Pior ainda quando a pessoa cega está parada aguardando um amigo na rua e alguém supõe que ela queira atravessar para o outro lado da calçada. Existem muitas histórias de pessoa cegas cansadas de atravessar a rua sem desejar. Antes de fazer qualquer coisa, vale perguntar se a pessoa precisa de ajuda. Caso a resposta seja sim, é só perguntar qual é a melhor forma de ajudar.

Se quiser ou precisar guiar a pessoa cega por um percurso que ela não conhece, se posicione ao lado dela e permita que ela toque seu braço. Dessa forma, ela acompanhará o seu ritmo com tranquilidade.

Para conversas longas com pessoas que usam cadeiras de rodas, uma boa dica é procurar um local em que você possa se sentar na altura mais próxima possível a delas. Isso torna a conversa mais agradável para ambos.

Cuidado para não confundir doença mental com deficiência intelectual.

Em diálogos com pessoas com deficiência intelectual, é produtivo usar palavras de fácil compreensão e exemplos concretos para contextualizar a sua fala. Independentemente do tipo de deficiência intelectual, é adequado dar o tratamento de acordo com a idade da pessoa.

As pessoas com paralisia cerebral costumam ter movimentos involuntários e rigidez muscular. Muitas delas têm dificuldade para articular a fala e incapacidade de conter a saliva dentro da boca. Por isso frequentemente são confundidas

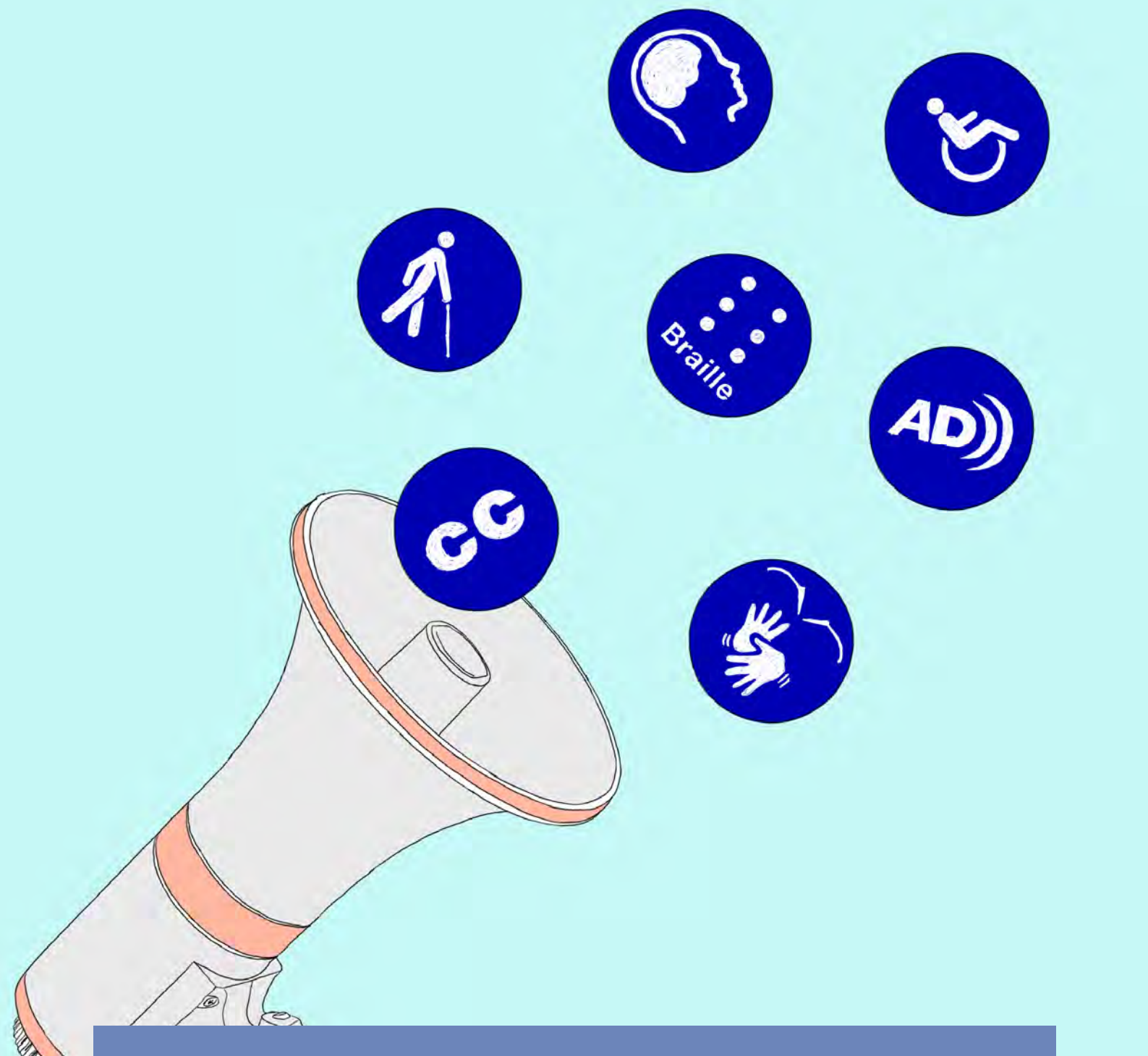
com pessoas com deficiência intelectual, o que, na maioria das vezes, não é verdade. A paralisia cerebral pode acarretar comprometimento intelectual em alguns casos, mas, em grande parte das vezes, a deficiência é somente física. Peça que a pessoa repita o que disse, caso você não tenha entendido. Não finja que entendeu tentando agradá-la. Ela vai perceber. Se você pedir que ela repita, fará com que a pessoa se sinta valorizada pelo seu interesse.

As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem os mesmos direitos das pessoas com deficiência, reconhecidos por meio da Lei Nº 12.764/12, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Até pouco tempo atrás as pessoas com TEA eram chamadas simplesmente de autistas. No entanto, como existe uma variação muito grande de características, matizes e intensidades, passou-se a adotar o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, este espectro se caracteriza por alterações na socialização, comunicação verbal, não verbal e no comportamento.

Frequentemente as pessoas com TEA são confundidas com pessoas com deficiência intelectual, mas estas duas condições não estão necessariamente relacionadas. Uma pessoa com TEA pode ter também deficiência intelectual, assim como pode estar associado com altas habilidades ou a pessoa pode ter a inteligência dentro da média da população.

Termos, siglas e conotações



Os representantes dos movimentos mundiais de pessoas com deficiência, incluindo o do Brasil, definiram que querem ser chamados de “pessoas com deficiência” em todos os idiomas. Esse termo faz parte do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotado pela ONU em 13/12/06, ratificado no Brasil, com equivalência de emenda constitucional, pelo Decreto Legislativo n. 186, de 9/07/08, do Congresso Nacional; e foi promulgado pelo Decreto n. 6.949, de 25/08/09 com valor de emenda constitucional.

O uso da preposição **com** é ideal para designar pessoas com deficiência. Outras opções são as expressões **que tem, que possui, que nasceu com**. Exemplos: pessoas com deficiência; ator que tem síndrome de Down; homem que possui baixa visão; menina que tem paralisia cerebral; estudante com deficiência visual, advogado que nasceu surdo etc.

Lembre-se sempre que não devem ser usadas expressões como **pessoa portadora de necessidades especiais e pessoas portadoras de deficiências**.

Por mais atraente que seja a ideia de economizar espaço ou driblar as palavras repetidas, não caia na tentação de usar siglas como PcD (pessoas com deficiência), PPD (pessoa portadora de deficiência), PNE (pessoa com necessidades especiais), PC (paralisia cerebral), SD (síndrome de Down), etc. A sigla desumaniza e exclui, na medida em que só é conhecida por quem participa do segmento em que ela é utilizada.

Cuidado com a subjetividade. Muitas vezes, o modo de comunicar pode estar impregnado de preconceito. Veja estes exemplos:

“**Apesar de** deficiente, ele é um ótimo aluno.”

A frase traz um preconceito implícito: ‘A pessoa com deficiência não teria capacidade para ser um ótimo aluno’. O mais apropriado seria: “Ele tem deficiência e é ótimo aluno” ou apenas “Ele é um ótimo aluno”.

“Ela é cega, **mas** mora sozinha.”

Outro preconceito embutido: ‘O cego não é capaz de morar sozinho’. Em vez disso, diga: “Ela é cega e mora sozinha.”

“Ela foi **vítima** de paralisia infantil.”

Esta pessoa “teve poliomielite”, “teve pólio” ou “teve paralisia infantil”. Enquanto estiver viva, ela tem seqüela de poliomielite. A palavra “vítima” provoca sentimento de piedade.

“Ela **teve** paralisia cerebral.” (referindo-se a uma pessoa

viva no presente)

A paralisia cerebral permanece com a pessoa por toda a vida. Portanto, “ela **tem** paralisia cerebral”.

A criança **sofre** de surdez.

A surdez não representa sofrimento. O correto é dizer que a criança **é** surda ou, simplesmente, que a criança **tem** surdez.

O **epilético**, o **deficiente**, o **paralisado cerebral**.

Em vez de “epilético”, “deficiente” e “paralisado”, use “pessoa com epilepsia”, “pessoa que tem epilepsia”, “pessoa com deficiência”, “pessoa com paralisia cerebral”. Prefira sempre destacar a palavra “**pessoa**”, pois a sua omissão pode fazer parecer que você só considera a deficiência e ignora todas as outras características da pessoa.

A escolha das palavras



As palavras assumem diferentes significados ao longo do tempo, incorporando a carga social que a repetição e o uso provocam. Expressões que parecem comuns podem estar impregnadas de preconceito, como acabamos de ver.

Nem sempre os dicionários dão conta de traduzir a sutileza expressa em alguns vocábulos, principalmente quando esses termos estão fortemente relacionados a temas polêmicos ou pouco conhecidos. Há pessoas que resistem em usar a palavra deficiência por entender que ela é quase uma ofensa, um xingamento acusatório de falha, deslize, falta de alguma coisa. A origem desse desnecessário receio está na percepção de que deficiência é antônimo de eficiência, mas o antônimo de eficiência é ineficiência. Então, não há motivo para disfarçar a palavra deficiência com o uso de “E” (dEficiente), porque nesse caso fica ainda mais clara a associação equivocada entre deficiência e ineficiência.

Outro equívoco comum observado em abordagens às pessoas com deficiência é o uso exagerado dos diminutivos. A tendência de infantilizar o tratamento, mesmo com intenção carinhosa, reflete uma relação desigual. Quem ofereceria uma “aguinha” ou um “suquinho” a uma pessoa adulta sentada numa “cadeirinha”, enquanto ela espera “bonitinha” a reunião começar? Esse tipo de tratamento é ainda mais frequente em relação às pessoas com deficiência intelectual, mas também acontece muito com pessoas com nanismo, pessoas que usam cadeiras de rodas, que são surdas, cegas; pessoas adultas que são subestimadas quando tratadas como crianças.

Escolher adequadamente as palavras presume conhecer o significado atualizado da terminologia.

Não se trata de preocupação com o politicamente correto, mas de legitimar os avanços e mudanças de mentalidade que as palavras devem refletir. Pensando nisso, organizamos um glossário com as palavras e expressões mais frequentes no universo das pessoas com deficiência. Para facilitar a consulta, o conteúdo foi organizado em ordem alfabética.

Acessibilidade Costuma ser associada apenas a questões arquitetônicas, mas expressa um conjunto de dimensões diversas, complementares e indispensáveis para que haja efetiva inclusão das pessoas com deficiência em todos os setores

e serviços. Existem seis tipos de acessibilidade: atitudinal, arquitetônica, comunicacional, instrumental, metodológica e programática.

- **Acessibilidade Arquitetônica:** sem barreiras ambientais físicas nas residências, nos edifícios, nos espaços urbanos, nos equipamentos urbanos, nos meios de transporte individual ou coletivo.
- **Acessibilidade Comunicacional:** sem barreiras na comunicação interpessoal (face a face, língua de sinais), escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila, etc.), incluindo textos em braile, uso do computador portátil) e virtual (acessibilidade digital).
- **Acessibilidade Metodológica:** sem barreiras nos métodos e técnicas de estudo (escolar), de trabalho (profissional), de ação comunitária (social, cultural, artística etc.), de educação dos filhos (familiar).
- **Acessibilidade Instrumental:** sem barreiras nos instrumentos, utensílios e ferramentas de estudo (escolar), de trabalho (profissional), de lazer e recreação (comunitária, turística, esportiva, etc.).
- **Acessibilidade Programática:** sem barreiras invisíveis embutidas em políticas públicas (leis, decretos, portarias etc.), normas e regulamentos (institucionais, empresariais etc).
- **Acessibilidade Atitudinal:** sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações nas relações entre as pessoas.

Acidente Vascular Cerebral (AVC) O acidente vascular cerebral (AVC), conhecido popularmente como derrame cerebral, pode ser de dois tipos: a) Acidente Vascular Isquêmico – falta de circulação numa área do cérebro, provocada por obstrução de uma ou mais artérias por ateromas, trombose ou embolia. Ocorre, em geral, em pessoas mais velhas, com diabetes, colesterol elevado, hipertensão arterial, problemas vasculares e

fumantes. b) Acidente Vascular Hemorrágico – sangramento cerebral provocado pelo rompimento de uma artéria ou vaso sanguíneo, em virtude de hipertensão arterial, problemas na coagulação do sangue, traumatismos. Pode ocorrer em pessoas mais jovens e a evolução é mais grave. Ver hemiplegia

Ajudas Técnicas As também chamadas Tecnologias Assistivas são equipamentos, produtos ou sistemas capazes de contribuir para o pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência. Proporcionam equiparação de oportunidades, autonomia e qualidade de vida por meio de acesso a processos e bens já utilizados pela comunidade. Ex.: cadeira de rodas, próteses, etc.

Aleijado Não use, exceto ao reproduzir declaração textual. Se for importante para o contexto da notícia, procure dar uma descrição objetiva: cego do olho direito; tetraplégico; que tem a perna direita atrofiada por consequência de poliomielite.

Amputação Remoção de uma extremidade do corpo através de cirurgia ou por acidente. Na medicina, é usada para controlar a dor ou a doença no membro afetado, como no câncer e na gangrena. Preste atenção para não confundir com malformação congênita. Ver má formação congênita

Anão Evite o uso da palavra anão. Prefira pessoa com nanismo ou que tem nanismo, ou pequenos.

São consideradas com nanismo as pessoas com estatura reduzida, entre 70cm e 1,40m na idade adulta. Por conta da altura, essas pessoas têm sérias dificuldades de locomoção em cidades planejadas para indivíduos com média ou alta estatura. A observação de que este grupo também precisa de acessos o levou a ser considerado como *pessoas com deficiência* pelo Decreto Federal 5.296/2004. Tão grave quanto às dificuldades de acesso arquitetônico é o preconceito que pessoas com baixa estatura enfrentam por terem sua imagem associada ao humor, à infantilização ou a diversas formas de exploração e desrespeito.

Anomalia genética A palavra anomalia deve ser evitada. A

expressão síndrome genética é a mais indicada. Para não repeti-la, pode-se usar alteração, condição ou situação genética. Por exemplo: Segundo os médicos, Fátima, que tem uma síndrome genética rara, teve um desenvolvimento superior ao de pessoas na mesma condição.

Aparelho auditivo geralmente usado por pessoas com deficiência auditiva (Ver surdo e Ver deficiência auditiva). Na maioria dos casos, não devolve a integralidade dos sons, mas possibilita que sejam detectados ruídos que facilitam a comunicação.

Atleta e não paratleta ou para-atleta. Exemplos: atleta com deficiência, atleta paralímpico, velocista cego, nadador surdo, judoca que tem síndrome de Down, atletas com e sem deficiência, surfista com amputação da perna esquerda, lutador com deficiência intelectual.

Atleta-guia Responsável por acompanhar o atleta cego ou com baixa visão em treinos e provas. Ele deve dar comandos precisos quando, por exemplo, se inicia uma reta na pista ou uma curva se aproxima, além de avisar quando está chegando a reta final. Desde 2011, o atleta-guia, que corre ao lado do atleta cego nas parolimpíadas, também recebe medalha. A criação do prêmio para incentivar os guias foi anunciada no Mundial de Atletismo da Nova Zelândia.

Exemplo: A triatleta Marleide da Silva, que disputa as provas do *triathlon* (ciclismo, natação e corrida) em sua categoria (classe TRI-6a – cega total), acompanhada da atleta-guia Verônica Martins, faturou a medalha de bronze no Mundial de Paratriathlon, em Londres.

Audiodescrição e não áudio descrição ou áudio-descrição – Recurso de acessibilidade ao telespectador cego ou com baixa visão que permite que ele receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que esta aparece, possibilitando que a pessoa com deficiência visual desfrute integralmente do conteúdo e capte a subjetividade da narrativa da mesma forma que alguém que enxerga. Trata-se da descrição objetiva de todas as informações compreendidas visualmente e que não estão contidas nos diálogos ou locuções em off,

como expressões faciais e corporais que comuniquem algo, informações sobre o ambiente, mudanças de tempo e espaço, além da leitura de créditos, títulos e qualquer informação escrita na tela. As descrições acontecem nos espaços entre os diálogos e nas pausas entre as informações sonoras, nunca se sobrepondo ao conteúdo sonoro relevante.

Autismo Transtorno do Espectro Autista é definido pela presença de “déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos”. A ciência ainda não conhece a causa do autismo, mas sabe-se que ele afeta quatro a cinco vezes mais meninos do que meninas.

Exemplo: Andrea, 19, que tem autismo, trabalha no departamento financeiro do supermercado do bairro onde mora.

Baixa visão Comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção. As pessoas com baixa visão podem ler textos impressos ampliados ou com uso de recursos óticos especiais. Ver cego

Braille ou Braile Sistema de leitura por meio do tato que reproduz o alfabeto em caracteres impressos em relevo no papel. Utilizado por pessoas cegas, principalmente por aquelas que nasceram cegas ou ficaram cegas na infância, o braile foi inventado pelo francês Louis Braille em 1829.

Curiosidade: Uma pessoa cega experiente pode ler duzentas palavras por minuto.

Bengala Instrumento frequentemente usado pelas pessoas cegas ou com baixa visão para conquistar autonomia de locomoção em ambientes fechados e também em áreas urbanas. A pessoa cega passa por um treinamento de orientação e mobilidade para aprender a utilizar a bengala e reconhecer a presença de degraus, obstáculos e estreitamento do percurso.

Há também a versão da bengala utilizada com função de apoio para evitar a queda de pessoas com dificuldades motoras. Atenção para não confundir com muletas. Ver muleta

Cadeira-anfíbia Cadeira de rodas fabricada em plástico leve e resistente, com rodas pequenas e largas que facilitam o transporte de pessoas com deficiência física, em especial as

peessoas em cadeira de rodas, em percursos de areia. O equipamento serve para levar as pessoas até o mar, sendo possível também utilizá-la dentro da água.

Cadeira motorizada e não cadeira elétrica. A não ser que a pessoa em questão tenha sido condenada à morte nos Estados Unidos ou em outro país em que a pena de morte é executada por esse meio.

Cão de assistência Cães treinados para oferecer suporte e assistência a pessoas com deficiência na vida diária. Os cães de assistência para pessoas surdas reagem a ruídos para avisar seu dono que uma informação sonora está acontecendo. Por exemplo, ele deve pular em cima da cama assim que o despertador tocar, puxar a perna da calça de seu dono quando alguém tocar a campainha, ou tocar sua mão para avisá-lo da aproximação de uma pessoa. Já os cães treinados para dar assistência a pessoas com deficiência física podem pegar um objeto que tenha caído no chão, trazer objetos como telefone, abrir e fechar portas, acender e apagar a luz, ajudar a mover a cadeira de rodas em lugares de difícil acesso, etc.

Em todos os casos, assim como com o cão-guia de pessoas cegas, resista à tentação de fazer carinho ou distrair o cachorro, pois essa atitude vai desconcentrá-lo e atrapalhar seu trabalho. Pergunte ao seu dono se pode e quando pode interagir com essa fofura.

Cão-guia Tipo de cão de assistência treinado para guiar pessoas com deficiência visual. Na maioria dos países, sua presença é aceita em qualquer lugar público e eles podem ajudar seus donos a ir a qualquer lugar. Para isso, um cão-guia deve saber: manter-se em uma rota direta, ignorando distrações como cheiros, outros animais e pessoas; manter um passo firme, à esquerda e um pouco à frente do seu acompanhante; reconhecer e evitar obstáculos ao acompanhante (passagens estreitas e obstáculos aéreos, como batentes baixos); parar no pé e no topo de escadas até receber ordem para prosseguir; levar o acompanhante aos botões do elevador; deitar em silêncio quando o acompanhante estiver sentado; ajudar o acompanhante a subir e movimentar-se em ônibus, metrô e outras formas de transporte público; obedecer a vários co-

mandos verbais.

Não brinque, toque ou distraia o cão-guia, pois desconcentrá-lo atrapalhará o seu trabalho. Pergunte ao seu dono se e quando você pode interagir com o animal.

Capacitismo É o preconceito e a discriminação contra a pessoa com deficiência que, por conta da deficiência é considerada uma pessoa incapaz. A sociedade capacitista entende a deficiência como algo a ser corrigido, superado.

Cego A palavra cego pode ser usada sem restrições. Exemplos: Paula Laranjeira, que é cega, se formou em direito no ano passado. O publicitário Pierre Klein ficou cego aos seis anos de idade por causa de catarata congênita. Quando Rita teve retinose pigmentar, foi perdendo a visão aos poucos e sabia que logo ficaria cega.

Cegueira Perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar, o que pode levar a pessoa a precisar do Sistema Braille como meio de leitura e escrita.

Exemplo: A cegueira chegou à vida de André quando ele tinha quatro anos, antes dele ser alfabetizado. Suas primeiras palavras foram escritas em Braille. Ver baixa visão

Cultura surda Para grande parte da comunidade surda, a surdez não significa uma deficiência. Estas pessoas percebem a surdez como característica de pertencimento a uma comunidade com cultura própria. Esse aspecto torna a surdez única entre os tipos de deficiência. A cultura surda é mais forte entre aqueles que se desenvolveram tendo a língua de sinais como idioma principal. É esse vínculo linguístico, talvez mais do que outros fatores, que liga os membros dessa comunidade. Existe um sentimento de orgulho entre as pessoas surdas. Surdez é muito mais do que um fenômeno fisiológico. É um modo de vida.

Defeituoso Não use esta expressão para se referir às pessoas com deficiência, exceto ao reproduzir declaração textual. Use pessoa com deficiência física. Se for importante, é possível especificar mais.

Exemplos: criança que nasceu com malformação no braço

esquerdo, ciclista com amputação do pé direito, aluno com atrofia nas mãos. Ver pessoa com deficiência

Deficiência é a situação resultante da interação entre um ser humano que tem uma determinada limitação e as barreiras presentes no ambiente em que vive ou em que está naquele instante.

Esta é a terminologia genérica para englobar qualquer deficiência: física ou motora, intelectual, sensorial (visual e auditiva) e múltipla (duas ou mais deficiências associadas).

Um dos deslizes mais comuns é utilizar a expressão “deficiente físico” como vocábulo genérico para designar todos os tipos de deficiência. Se quiser se referir, por exemplo, somente às pessoas cegas, use a palavra cegos ou o termo pessoas com deficiência visual.

Não tenha receio em usar a palavra deficiência. As deficiências são características reais e importantes, não há motivo para disfarçá-las.

Deficiência auditiva Geralmente, pessoas com perda parcial da audição referem-se a si mesmas como tendo uma deficiência auditiva. Já as que têm perda total da audição costumam preferir ser chamadas de surdas. Ver surdo

Deficiência física Não é uma expressão genérica para deficiência. Refere-se apenas a limitações relacionadas ao aspecto físico e motor, como ausência de membros, paralisias, entre outras.

Deficiência intelectual É compreendida como o funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com limitações associadas a duas ou mais habilidades adaptativas em comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização de recursos da comunidade, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho. Geralmente se manifesta até a primeira infância ou até os 18 anos de idade.

Hoje é inadequado classificar a deficiência intelectual em leve, moderada, severa e profunda, níveis criados pela OMS em 1968 e alterados em 1992. Isso porque a deficiência intelectual de uma pessoa não pode ser qualificada isoladamente, mas, sim, em função dos apoios que recebe em relação às

questões sociais, profissionais ou educacionais.

Deficiência mental/ psicossocial A deficiência mental tem sido relacionada com o que no Brasil se convencionou chamar, mais recentemente, de deficiência psicossocial, a partir da Convenção da ONU. A deficiência psicossocial compreende situações de transtornos psíquicos de longa duração, como esquizofrenia e transtornos psicóticos, que podem se manifestar em qualquer fase da vida, impossibilitando a efetiva participação na sociedade.

Essas questões ainda geram debates na sociedade e não estão claras na legislação brasileira.

Deficiência múltipla É o caso de pessoas que têm duas ou mais deficiências ao mesmo tempo. Ver surdo-cego

Deficiência sensorial Refere-se às deficiências visual e auditiva. O aconselhável é retratá-las dessa forma: “pessoas cegas” (deficiência visual total) ou “pessoas surdas” (deficiência auditiva total); “pessoas com deficiência visual” (ou “com baixa visão”) ou “pessoas com deficiência auditiva” (com resíduo auditivo). Os substantivos “cegueira” e “surdez” podem ser usados sem restrições.

Deficiência visual Perda (cegueira) ou redução (baixa visão) da capacidade visual em ambos os olhos, com caráter definitivo. Não estão incluídas nesse grupo as pessoas usuárias de óculos de correção (para miopia, por exemplo). Por isso, a expressão “todos nós temos deficiência visual” não é adequada. Existem critérios rígidos que definem a deficiência que devem ser respeitados.

Deficiente Se referir como deficiente a alguém que possui uma deficiência pode ser considerado preconceituoso porque parece que a pessoa está sendo resumida em sua limitação.

O termo deficiente também não deve ser usado para designar outras limitações como a gagueira ou o daltonismo. Existem critérios muito rígidos para designar o que é uma pessoa com deficiência. Por isso não é desejável dizer que “todos nós somos deficientes”. Ver Especial

Desenho universal O conceito de desenho universal se propõe a gerar ambientes, serviços, programas e tecnologias acessíveis, utilizáveis equitativamente, de forma segura e autônoma, por todas as pessoas – na maior extensão possível – sem que precisem ser adaptados ou readaptados especificamente. O desenho universal engloba e avança conceitualmente em relação à acessibilidade e às ajudas técnicas. O propósito do desenho universal é atender às diversas necessidades e viabilizar a participação social e o acesso a bens e serviços à maior gama possível de usuários. Ver acessibilidade

Doença x Deficiência Doença é uma alteração biológica do estado de saúde, manifestada por um conjunto de sintomas. Cuidado: a maior parte das pessoas com deficiência goza de boa saúde. Muitas praticam esporte e cultivam hábitos de vida saudável.

Um texto que confunde deficiência com doença reforça a ideia de que, para inserir uma pessoa com deficiência na sociedade, é necessário curá-la. A deficiência é uma condição, não uma doença que possa ser curada. É verdade que a deficiência pode ser, em alguns casos, consequência de uma doença anterior que a provoque como sequela. Mesmo assim, recomenda-se cuidado para diferenciar uma situação da outra.

Eficiente Evite trocadilhos com as palavras deficiente e eficiente, mesmo com a intenção de valorizar a pessoa com deficiência. O antônimo de eficiência é ineficiência. O uso do termo deficiente é considerado pejorativo e, portanto, desaconselhável.

Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) Doença relativamente rara. São registrados um ou dois casos em cada cem mil pessoas por ano no mundo. A ELA, que acomete mais os homens do que as mulheres a partir dos 45/50 anos, é provocada pela degeneração progressiva no primeiro neurônio motor superior no cérebro e no segundo neurônio motor inferior na medula espinhal. Esses neurônios são células nervosas especializadas que, ao perderem a capacidade de transmitir os impulsos nervosos, dão origem à doença. Não se conhece a causa específica para a esclerose lateral amiotrófica. Parece que a utilização excessiva da musculatura favorece o mecanismo

de degeneração da via motora, por isso os atletas representam a população de maior risco. Outra causa provável é que a dieta rica em glutamato seja responsável pelo aparecimento da doença em pessoas predispostas. O principal sintoma é a fraqueza muscular, acompanhada de endurecimento dos músculos (esclerose), inicialmente em um dos lados do corpo (lateral), e atrofia muscular (amiotrófica).

Esclerose Múltipla Doença inflamatória crônica e autoimune que provoca deficiência física, visual ou auditiva como seqüela. Por motivos genéticos ou ambientais, na esclerose múltipla, o sistema imunológico começa a agredir a bainha de mielina (capa que envolve todos os axônios) e isso compromete a função do sistema nervoso. Em geral, a doença acomete pessoas jovens, entre 20 e 30 anos, e provoca dificuldades motoras e sensoriais. Não se conhece ainda a causa da doença. Sabe-se, porém, que a evolução difere de uma pessoa para outra, e que é mais comum nas mulheres e nos indivíduos de pele branca que vivem em zonas temperadas.

Especial Não use esta expressão, exceto ao reproduzir declaração textual. Descreva a pessoa com deficiência de acordo com a sua especificidade. O termo especial foi criado com o objetivo de valorizar a pessoa com deficiência. Mas, reflita: se, para valorizar a pessoa, é necessário suprimir o uso da palavra deficiência, parte-se da ideia de que a deficiência é uma característica negativa. Ver pessoa com deficiência

Se for importante para o contexto da notícia, procure uma descrição objetiva.

Exemplo: cego do olho direito; tetraplégico; que tem a perna direita atrofiada por causa de poliomielite. Ver necessidades especiais

Exemplo de superação Fuja desse jargão desgastado pelo uso excessivo. Opte por expressões que descrevam a “superação” especificamente ou, caso seja mais adequado ao texto, utilize outras palavras como inspiração, realização, persistência, sucesso e outras que ilustrem as conquistas do personagem e despertem a empatia do telespectador. Ver superação

Intérprete de Libras Profissional capacitado e/ou habilitado

em processos de interpretação da Língua Brasileira de Sinais, que deve ter titulação, certificação e registro profissional para atuar. – ver Libras

Hemiplegia Tipo de paralisia cerebral que atinge um dos lados do corpo, deixando-o paralisado. Pode ser causada por lesões cerebrais, hemorragia, sendo comum após um acidente vascular cerebral (AVC). Ver acidente vascular cerebral (AVC)

Integração A integração está pautada em um padrão de normalização, em que somente as pessoas com deficiência precisam se adaptar aos modelos e padrões da sociedade. A sociedade não precisa se modificar. Na integração, a inserção é parcial e condicional, por exemplo, as crianças “se preparam” em escolas ou classes especiais para, posteriormente, chegarem a um padrão mínimo estabelecido de normalidade que lhes permita frequentar escolas ou classes regulares.

Inclusão Na inclusão, a sociedade compreende a diversidade humana e se modifica para atender às necessidades das pessoas com deficiência e, com isso, se torna mais atenta às necessidades de TODOS. Na inclusão, a inserção é total e incondicional, por exemplo, crianças com deficiência não precisam “se preparar” para ir à escola regular, pois a escola e os professores se modificam para acolher e ensinar alunos com e sem deficiência.

Lesão medular Ferimento na medula espinhal que pode ser causado por trauma (queda, acidente de carro ou moto, arma de fogo, tumores na coluna ou lesões de outras origens que ocasionam paraplegia ou tetraplegia, dependendo do local na coluna em que a medula foi lesada). Quanto mais alta (perto da cabeça) for a lesão, maior será a área do corpo atingida pelas limitações de movimento e/ou sensibilidade.

Não é adequada a expressão “lesado medular”.

Exemplos: Daniela, que tem lesão medular desde os 18 anos, ganhou uma nova cadeira de rodas em seu aniversário de 23; O disparo atingiu a coluna de Luís e causou lesão medular; A tetraplegia de Marcela é consequência de lesão medular.

Língua de sinais e não linguagem de sinais – Use sempre língua, nunca linguagem.

Diferente do que muitos imaginam, a língua de sinais não é universal. Cada país possui sua própria língua de sinais. Nos Estados Unidos, por exemplo, as pessoas surdas se comunicam por meio da LSA – *American Sign Language* (Língua Americana de Sinais). No Brasil, a comunidade surda se comunica em Libras – Língua Brasileira de Sinais, na França, o idioma é a LSF – *Langue des Signes Française* (Língua Francesa de Sinais), e assim por diante.

Libras A Libras, sigla para Língua Brasileira de Sinais, não é uma linguagem, mas uma língua. Existem outras formas de linguagem envolvendo ou não pessoas surdas, como a linguagem gestual e a corporal, a linguagem digital, etc. A Libras é um idioma tão oficial quanto a língua portuguesa no Brasil. Em cada país, as comunidades surdas possuem sua própria língua de sinais, assim como acontece com a língua falada dos ouvintes.

Má formação congênita Condição presente desde o nascimento, ocasionada por uma alteração durante o desenvolvimento fetal. As malformações congênitas dos membros estão entre as mais comuns e podem ter semelhança visual com amputações. Por isso é importante certificar-se do tipo de deficiência que a pessoa possui. Ver amputado

Muleta Instrumento geralmente utilizado por pessoas com amputação em uma ou ambas as pernas ou que caminham com suporte de órteses. Cuidado para não confundir com bengala. Ver bengala

Necessidades especiais Não use para se referir às pessoas com deficiência. A expressão, já desgastada pelo uso equivocado e excessivo, foi criada a partir de “necessidades educacionais especiais”. A intenção de generalizar o uso banalizou o conceito. Mesmo no caso da educação, é preferível dizer “necessidades educacionais específicas”. Ver especial

Normal No âmbito das reflexões sobre diversidade e diferenças humanas, não cabe a expressão “normalidade”. Prefira

usar “pessoa sem deficiência” e não “pessoa normal”.

Órtese Equipamentos que complementam uma função do corpo, como a cadeira de rodas e as muletas, por exemplo, que devolvem a capacidade de locomoção às pessoas com deficiência física. Outro exemplo são os óculos que melhoraram a capacidade visual de uma pessoa com miopia – essa é uma órtese que muita gente usa. Ver prótese

Ouvinte Expressão frequentemente utilizada por pessoas surdas e profissionais da área da surdez para se referir às pessoas sem deficiência auditiva, que ouvem normalmente.

Exemplos: Clarice, que é surda e estuda em uma escola regular inclusiva, conta com uma intérprete de LIBRAS para mediar as conversas com o professor e os colegas ouvintes; Filha de mãe surda e pai ouvinte, Regina aprendeu desde cedo a se comunicar em sinais.

Paralisia Cerebral Condição que resulta da ausência de oxigenação em partes do cérebro que controlam as funções motoras. Isso acontece geralmente durante a gestação ou no momento do parto. A paralisia cerebral é uma deficiência motora que se manifesta de diversas formas, podendo interferir mais ou menos nos movimentos e no equilíbrio da pessoa. Exemplo: A paralisia cerebral de Sofia comprometeu os músculos responsáveis pela produção da fala e, por isso, ela faz terapia com a fonoaudióloga; Rodrigo, que tem paralisia cerebral e usa cadeira de rodas, está estudando para o vestibular de arquitetura.

Paralimpíada e paraolimpíada Até a edição de 2008, as Paralimpíadas, jogos esportivos envolvendo pessoas com algum tipo de deficiência, eram chamadas no Brasil de Paraolimpíadas. No entanto, em novembro de 2011, durante o lançamento da logomarca dos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio, o nome dos jogos perdeu a letra “o” e passou a ser chamado de Paralimpíadas a pedido do Comitê Paralímpico Internacional.

A intenção foi igualar o nome ao uso de todos os outros países de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, onde já se usava o termo Paralimpíadas.

Paratleta Não use esta palavra para designar um atleta com deficiência. Ele é um **atleta**. Exemplo: Nesse sábado (15), o atleta Francisco da Silva, velocista do Clube Itapema, venceu o Circuito Caixa Paralímpico, na prova de 100 metros.

Paradesporto O esporte para pessoas com deficiência nasceu no Brasil em 1958, com a fundação do Clube do Otimismo na cidade do Rio de Janeiro. Em 1975, foi fundada a ANDE – Associação Nacional de Desporto para o Excepcional, que agregava todo tipo de deficiência. Com o crescimento da participação de atletas com as mais diversas deficiências, as entidades representantes foram se tornando cada vez mais especializadas. Surgiram assim a Associação Brasileira de Desportos de Cegos (ABCD); a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA); a Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM), entre outras. Em 1995 foi criado o Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Paraplegia paralisia total ou parcial dos movimentos e/ou sensibilidade dos membros inferiores. Geralmente causada por lesão medular na altura da coluna torácica ou lombar, ou por alguma disfunção neurológica, a condição leva a pessoa a precisar de cadeira de rodas para se locomover. É recomendável escrever que a pessoa possui paraplegia e evitar o termo paraplégico. Atenção para não confundir com tetraplegia. Ver tetraplegia

Exemplo: A auxiliar de escritório Silvia Barbosa, 26 anos, tem paraplegia e concorre a uma vaga de emprego pela lei de cotas.

Pessoa com Deficiência É a expressão recomendada pela Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e também a mais bem aceita pelos movimentos sociais. O termo coloca a pessoa em evidência e assume a deficiência como característica explícita.

Mais de 15 milhões de brasileiros declararam ter alguma deficiência, segundo dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE). O número representa 8,3% da população do país.

Portador de deficiência A palavra 'portador' não deve ser usada porque a deficiência, sendo uma das características

possíveis à condição humana, não é carregada por quem a possui. Não se utilizam expressões como 'portador de olhos azuis', pois quando alguém tem olhos azuis é impossível dissociarmos a cor de seus olhos de sua constituição como pessoa.

Preso a uma cadeira de rodas fuja deste jargão. Além de desgastado pelo uso excessivo, não retrata a relação que a maioria das pessoas tem com a cadeira de rodas. A cadeira de rodas é um instrumento libertador, na medida em que devolve à pessoa com deficiência física a sua capacidade de se locomover e, assim, participar da vida social.

Prótese equipamento que substitui uma parte do corpo humano e pode ser implantada ou não. Um amputado, por exemplo, pode usar o recurso da prótese para colocar uma perna ou uma mão mecânica. Ver Órtese

Sorobã (ou ábaco) Aparelho de cálculo de origem japonesa que é frequentemente usado por pessoas com deficiência visual. O aparelho serve como máquina de calcular de grande rapidez, de maneira simples. Com ele, a pessoa cega pode escrever números e realizar cálculos matemáticos na mesma velocidade ou até mesmo mais rápido que um vidente escreve a lápis no caderno.

Superação Palavra desgastada pelo uso excessivamente associado às pessoas com deficiência que pode ser usada, mas com atenção e critério. A superação é uma possibilidade humana. Cuidado para não superestimar o exercício de atividades corriqueiras de alguém com deficiência. Expressões como inspiração, persistência ou até mesmo superação podem ser usadas para descrever conquistas de pessoas com deficiência de acordo com a relevância real da realização. Ver exemplo de Superação

Surdo Pessoa com surdez, sem resíduo auditivo. Existem duas correntes de educação de pessoas surdas. Uma defende a oralização, com base na educação da criança surda por meio da língua portuguesa, com aprendizado da leitura labial e treino para desenvolver a voz e a fala como recurso de co-

municação com o mundo ouvinte. A outra defende a educação pela Libras – Língua Brasileira de Sinais, como primeira língua, baseando-se na ideia de que a língua oral não faz sentido para a pessoa surda e que seu desenvolvimento é mais eficiente por meio da língua gestual, já que a comunicação visual é sua tendência natural, tendo a língua portuguesa como segunda língua. Ver cultura surda. Ver surdo oralizado

Surdo-mudo Surdo-mudo não existe. Jamais use esta expressão. O fato de a maioria das pessoas “falarem pela boca” não torna essa forma de expressão mais importante. Para uma pessoa surda é difícil falar o português, sendo natural que opte pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesse caso, não é muda, apenas surda. Ver deficiência auditiva

Surdocego É uma deficiência particular que associa a perda da audição e da visão em diferentes graus. Há tempos, essa deficiência era considerada como deficiência múltipla sensorial, mas suas particularidades comunicacionais estabeleceram a necessidade de uma designação específica. A surdocegueira é a deficiência sensorial em sua plenitude, pois o contato com o mundo exterior pode ser totalmente limitado.

Pessoas que têm surdocegueira podem apresentar diferentes níveis da deficiência. Há surdocego que enxerga pouco e não ouve nada, bem como quem ouve um pouco e não enxerga nada. Há também quem não pode ouvir nem ver completamente nada. Ver Tadoma

Surdo oralizado É a pessoa surda que utiliza a língua oral para se comunicar e compreende a fala por meio da leitura labial. Há pessoas surdas que sabem ler, escrever e falar fluentemente a língua portuguesa. Mas há também as que sabem ler e escrever, mas não são fluentes na fala. O denominador comum deste grupo é o uso da língua falada como meio de comunicação.

Não fique constrangido se precisar pedir que ela repita as frases caso não tenha entendido alguma coisa. A maioria das pessoas surdas têm consciência da própria dicção e não se incomodam de repetir até que se entenda o que querem falar.

Uma curiosidade: pessoas que usam bigode comprido são interlocutores impossíveis para pessoas surdas, pois os lábios

cobertos inviabilizam a leitura labial.

Tecnologia Assistiva Área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

Tetraplegia paralisia total ou parcial dos movimentos e/ou sensibilidade dos quatro membros, geralmente causada por lesão medular, na altura da coluna cervical, ou por alguma desordem neurológica. É preferível dizer que a pessoa possui tetraplegia e evitar a palavra tetraplégico ou tetraplégica. Atenção para não confundir com paraplegia. Ver paraplegia

Exemplo: O artista plástico Ronaldo Bernardes, que tem tetraplegia há quatro anos, aprovou a cadeira-anfíbia. Com ela, no último domingo, Bernardes entrou no mar pela primeira vez depois do acidente.

Tadoma técnica de comunicação utilizada por surdocegos por meio de um intérprete, que consiste na percepção da mão da pessoa surdocega posicionada sobre a boca de quem fala para sentir a vibração das palavras.

Transtorno Mental Terminologia indicada para situações associadas a doenças mentais. São pacientes com sofrimento psíquico associado a quadros de depressão, síndrome do pânico, esquizofrenia, etc. Não use esta expressão para se referir a alguém com deficiência intelectual, a não ser que esta pessoa também possua alguma doença da área psiquiátrica.

Vidente Expressão frequentemente utilizada por pessoas cegas e profissionais da área da inclusão para se referir às pessoas sem deficiência visual, que enxergam.

Exemplo: Renato, que é uma pessoa cega, chamou a namorada vidente pelo Skype para conferir se sua gravata combinava com a camisa que vestia; A melhor amiga de Ana, que é vidente, avisou que Mateus a esperava do outro lado do salão.

Visão Subnormal / visão anormal Termo inadequado. O correto é baixa visão. A rigor, diferencia-se entre deficiência visual parcial (baixa visão) e cegueira (quando a deficiência visual é total).

Para quem ainda tem dúvidas ou medo de errar

Não use	Use
Portador de deficiência	Pessoa com deficiência
Portador de necessidades especiais	Pessoa que tem deficiência
Deficiente	Com deficiência
Lesado medular	Com lesão medular
Surdo-mudo	Pessoa surda
Paralítico	Paraplégico / tetraplégico
Deficiente visual	Cego / com deficiência visual
Deficiente físico	Com deficiência física
Deficiente mental	Com deficiência intelectual / com síndrome de Down
Visão subnormal / anormal	Baixa visão
Anão	Pessoa com nanismo / que tem nanismo
Paratleta	Atleta / atleta paraolímpico

Paralisado cerebral	Pessoa com paralisia cerebral
Anomalia genética	Condição genética
Sofre de esclerose múltipla	Vive com / tem esclerose múltipla
Problema de visão (ou audição, visão)	Tem deficiência visual / deficiência auditiva
Mudo (se referindo a alguém surdo)	Pessoa surda que se comunica em LIBRAS
Linguagem de Sinais	Língua de Sinais
Cadeira elétrica	Cadeira motorizada
Tradutor de LIBRAS	Intérprete de LIBRAS
Autista	Pessoa com autismo/ que tem autismo
Pessoas normais	Pessoas sem deficiência
Pessoas especiais	Pessoa com deficiência intelectual
Preso a uma cadeira de rodas	Pessoa em cadeira de rodas
Exemplo de superação	História inspiradora / caso de sucesso
Diminutivos	Tratamento adequado à idade